

QUEM SABE FAZ A HORA

*“Meu testamento é minha vida e minha história,
a vocês deixo o legado de tudo que sei, que vi e que fiz.”*

Deixo minhas mãos.

Mãos de artista e poeta, de camponês e operário, que conhecem a terra e a máquina, a semente e a pedra, a flor e o ferro, o medo e a coragem.

Mãos que, mesmo sem saber escrever, descobriram como transformar coisas e pessoas.

Deixo meus pés.

Pés rotos e gastos pelas pedras e espinhos, cansados e abatidos de tantos caminhos.

Pés que só muito tarde conheceram sapatos, e que aprenderam a tirar do solo a seiva para a travessia.

Pés que trilharam veredas antigas e abriram picadas novas, que sabem de alegria e tristeza, guerra e paz, dor e esperança.

Pés que deixaram rastros na lama e no corpo de muitos peregrinos sem raiz e sem rumo.

Deixo meu coração.

Coração que lê melhor que os olhos, escuta melhor que os ouvidos, fala melhor que a boca.

Coração que sabe de amor e ódio, rancor e ternura, solitário e solidário nas estradas deste deserto.

Coração que destila cultura, guarda tesouros e distribui pérolas a quem delas busca o brilho.

Deixo minha cabeça.

Não possui a “verdade” dos filósofos.

Nem as “certezas” dos cientistas ou as

“obras” dos políticos.

Mas carrega nas asas do vento a voz da água e da brisa;

a sabedoria da árvore e da luz,

da noite e do dia;

a sinfonia dos pássaros e das crianças, a fé, a força e a resistência da mulher e do jovem, porque soube fazer da vida uma escola.

Deixo minha memória.

Memória de nomes e rostos, sagas e destinos.

Nos dedos, marcas a um tempo rudes e ternas, vivos sinais de uma escrita sem letras. No rosto, rugas secretas e fundas, páginas silenciosas de um livro aberto, em que é hora de colocar o ponto final.

Alfredo J. Gonçalves

CNQ-555-01-00 206